

## Usuário: a utopia da diferença<sup>1</sup>

Davi Junqueira Marin<sup>2</sup>

### Resumo expandido Painel Temático

Utopia é uma palavra criada por Thomas More, em 1516, que dá título ao seu livro de mesmo nome, *Utopia*, escrito em latim e que faz parte de um projeto de propaganda humanista, em que se fazia necessário discorrer sobre temas centrais daquela construção social, diante da nova cultura capitalista emergente a seu tempo. Utopia seria uma ilha, uma terra insular fantasiosamente localizada no Oceano Atlântico, em algum lugar na costa da América do Sul. Curiosamente, a epistemologia do sul, trazida como tão urgente e necessária por Boaventura de Souza Santos, já tinha sua origem em pleno século tipográfico, no deslançar da nova tecnologia das linguagens, dos signos, dos sentidos e significados que povoava a Europa e a América do Norte.

Thomas cria a palavra utopia a partir da conexão de um prefixo que significa negação ou inexistência, e da palavra topos, que significa lugar, terra. A etimologia do termo, a origem da palavra utopia de Thomas More nos remete à uma origem grega, na antiguidade da filosofia, onde o conceito de utopia traz “o sem lugar”, ou um lugar inexistente, uma terra que não existe.

A rede é essa terra do nunca, esse lugar que não está em mapa algum, esse território desterritorializado, esse mapa sem referência, esse mundo alienígena, extraterrestre, esse espírito fora do corpo, essa consciência apartada da diferença das leis dos homens, essa possibilidade latente de, enfim, uma utopia.

Mas as *big techs*, que não são a origem dessa terra, que não descobriram esse território, que não são seus habitantes originários, já chegaram para colonizar esse novo planeta, a utopia eletrônica glocal de conexões *real time* (Trivinho, 2012). O idealismo originário, dos povos originários que construíram e habitaram as redes em suas origens, hoje estão sob a ameaça das *big techs* com sua

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Painel Temático 05 - “Diversidade, desigualdades e vulnerabilidades” do XVIII Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura. Faculdade Cásper Líbero - FCL, realizado nos dias 11 a 13 de novembro de 2025.

<sup>2</sup> Mestre e Doutor em Comunicação e Semiótica pelo PPGCOS da PUC Perdizes, em São Paulo-SP. [marin.davi@yahoo.com.br](mailto:marin.davi@yahoo.com.br)

colonização e processos expansionistas, imitando aquela invasão de cinco séculos atrás, quando chegaram no continente que tinha a utopia como sua grande ilha. Os usuários idealistas dessa terra são feitos os povos originários, os indígenas de Pindorama. O Brasil, esse imenso campo de testes para grandes mercados de bens de consumo e para os experimentos da *big techs*, é essa nação eletrônica, essa terra digital chamada utopia que é tão alvejada e buscada por todos, não apenas pelos usuários comuns, outrora excluídos, mas pelos olhos estatelados e esbugalhados do Grande Irmão corporativo, o grande *big tech*, no eterno ano de 1984 que não passa nunca.

A epistemologia do sul que brota da pragmática de pensamentos não pensados, está em teste no Brasil. A onda para uma decolonialidade é uma onda que pode fazer rever estruturas filosóficas de décadas, de séculos e até mesmo de milênios. O grande outro que serviu de base para a hermenêutica e que na virada semiótica é feito de sentidos e sensibilidades, da mesma forma não passa de um esquadrinhamento que define formas de dominação e poderes sobre esses mesmos outros que sempre se supôs saber algo, como que da esfera do coletivo absoluto, a massa que sempre supomos conhecer tanto quanto um médico cirurgião que manipula seu bisturi e define aquele corte preciso naquele corpo. E chamamos isso de intimidade.

Assim feito sua rede que dele faz uso e que da mesma forma ele a usurpa, o usuário é também hoje uma nova e grande entidade sem controle, sem fronteira. Seu corpo já não possui uma forma definida. Suas águas, seus fluídos, se esparramam por uma pele que já não existe feito os territórios demarcados pelas fronteiras das nações, dos estados, das regiões, das localidades, dos condados, dos municípios, dos distritos. Nem sequer dos continentes. *A pele da cultura* de Derrick de Kerckhove (1997) hoje é, todavia, uma pele, pala lembrarmos de Zygmunt Bauman (2001), mas uma pele líquida, liquefeita, difusa, desmanchada no ar. Os corpos vão às academias malhar, suar, sofrer por estarem gordos ou se envaidecerem por estarem em forma, mas suas peles já não estão mais ali, aos olhos do espelho que envelheceu, que já se foi. Já não existe espelho que dê conta de refletir toda a gama possível dessas peles, a pele do usuário que já busca sua utopia sem pedir licença para filósofos, para políticos, para empresas, para sua própria família ou para os políticos que elegendem.

A própria rede em si, feita de uma diferença que está usuária, uma diferença que é o usuário, mediatiza as consciências ou hipermediatiza o inconsciente, na relação da rede com cada usuário

em que também se estabelecem outras diferenças, na borda do infinito, a contarmos todas as bolhas de afinidades que hoje são possíveis. Da mesma possibilidade utópica, o risco da distopia é igualmente presente na relação entre as diferenças. Mas no constante embate dialético e atento, reside novamente a utopia de um entendimento e de uma revolução nas velocidades para esses entendimentos.

Para nós, aqui, a cibercultura, na pele eletrônica digital da internet, das redes, é o objeto encarnado de que fala Miroslav Milovic, em seu texto “A utopia da diferença”, de 2006. Nesse texto, um artigo publicado pela Revista ALCEU, uma revista de comunicação, política e cultura do Departamento de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, a PUC Rio, o professor da Universidade de Brasília debate o conceito da diferença em confrontação com o conceito de identidade da filosofia tradicional e moderna, colocando Heidegger de frente com Nietzsche.

A partir desse debate enquanto alicerce teórico, juntamente com os conceitos peirceanos de pragmática, termos da comunicação de Lúcia Santaella e reflexões sobre o poder com Byung-Chul Han, vamos entornar o caldo onde o sujeito em relação com os outros ou simplesmente a ideia de um outro buscam equivalência na ideia simbólica de usuário, que congrega tanto o excluído quanto o sujeito de poder, tanto o popular anônimo, o povo, quanto o popular famoso, amalgamando o que Marin chama de “quinto poder” (2021). Assim, aqui, usuário está no balanço da tese de Michel Foucault, em sua *Microfísica do Poder* (2018), quando diz que ninguém sabe ao certo o que é o poder, mas todos sabem quem o exerce.

A crise do sujeito trazida por filósofos da envergadura de Heidegger ou mesmo Nietzsche, trabalhados por autores como Miroslav Milovic (2006) e Byung-Chul Han (2017; 2018; 2019; 2019a; 2019b), talvez tenha sido uma crise sobre uma ausência que caracterizava um processo comunicativo de mão única, desde a revolução gutenberguiana até pouco tempo, ao longo do século analógico, o século XX, em que o processo tecno midiático falava sozinho. A recepção, a audiência, a massa, em sua coletividade, era algo como que um grande espectro ausente, um grande espectro de ausência, muito mais que uma sensível ou sentida presença de força.

Mas hoje, com a popularização do instrumento narrativo em mãos populares, com o nascimento de narradores audientes (Marin, 2019), a opinião volta a aparecer, o indivíduo renasce em sua

própria opinião, relatando a si mesmo, se expondo inclusive violentamente, de forma agressiva, buscando uma espécie de politização de última hora, uma política do desespero diante de crises intermináveis, crises climáticas e ambientais, crises sociais e econômicas, crises políticas.

O indivíduo que renasce em rede, renasce com as mãos em uma utopia que ele agora vê e crê possível, pois emite seu sinal e narra a si mesmo. Sua narrativa está alforriada, livre, em suas próprias mãos, e ele agora crê possível ser senhor de seu próprio destino. Nesse caldo de fé, crença e empoderamentos de toda diferença possível, surge uma nova dialética, uma dialética onde a massa é tão diversa quanto aqueles emissores de outrora, uma massa tão diversa mas que já nem tão dispersa: eles se unem em bolhas de afinidade (Santaella, 2019), se organizam e, assim como grupos de consumo de determinados hábitos ou produtos, eles também se politizam e derrubam governos – a exemplo dos *black blocs* e da Primavera Árabe – organizam novos partidos políticos, incluem seus iguais e seus patrícios. Temos então uma multilética, uma plurilética, uma espiral que congrega tantos processos dialéticos possíveis.

Dessa forma, a escrita desse artigo se justifica pela importância do reconhecimento desse espírito utópico sempre tão inexistente, mas cuja inexistência hoje nos parece tão sólida e alcançável, mesmo sob a ameaça presente e fronteira de sua mesma distopia. A fronteira que não precisava existir mais é a fronteira definida pelas *big techs*, uma fronteira que não existia no início, no nascimento que as gerações mais velhas testemunharam e viram nascer, hoje já incorporadas no DNA das crianças e dos jovens. A geração dos *blogs*, do *ICQ*, do *Orkut* antes do *Facebook*, do *IG*, do nascimento da *UOL* (Universo on-line), do *BOL* (Brasil on-line) e a da *AOL* (America on-line). Eram tempos de *internet* discada, barulhenta, mas cheia de promessas que estampavam sorrisos e esperanças pelas faces, e não alternativas de mão única como hoje nos apresentam a uberização dos trabalhos trazidas pelas palavras de Tom Slee (2019). A aceleração do eletrônico trouxe consigo a aceleração também da desesperança sobre uma utopia possível. No rompimento das promessas de uma geração a outra, de uma tecnologia a outra, enquanto *modus operandi* do sistema capitalista que emerge da tipografia, hoje temos dentro da evolução digital eletrônica as promessas de riqueza e emancipação trazidas pela terra eletrônica que se repetem no nascimento da inteligência dessa mesma terra utópica. É a genética da inteligência artificial que é esse pensamento sem corpo, fruto de uma terra inexistente e sem fronteiras, pegando carona na fé e na

crença dessa massa de usuários que já trabalham para pagar a parcela dos *smartphones* em um mundo onde ninguém consegue nada sem ter uma conexão à essa mesma terra utópica, sem estar conectado ou condicionado ao pensamento utópico que se trasveste de inteligência artificial. A utopia da diferença então se materializa não na terra sem fronteiras da ilha de Thomas More, nos mapas sem fronteiras que é a *world wide web*, mas no corpo que sangra sua própria distopia, a base de sua crença ferida, de sua fé mal paga e sofrida em nome de um Deus transmutado em rede viva que pulsa de dentro para fora de cabos, satélites e dispositivos eletrônicos feitos de plástico. A utopia da diferença, vista assim, é uma obrigação, uma opção compulsória, um constante “se ficar o bicho come, se correr o bicho pega”. Mas buscando uma comparação aos raciocínios de Han, já não existe a diferença entre o bicho e nós: habitamos todos a mesma utopia da diferença. Somos todos o mesmo usuário.

### Palavras-chave

Usuário; utopia; diferença; quinto poder; cibercultura.

### Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2017.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade da transparência**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2018.

HAN, Byung-Chul. **No enxame: perspectivas do digital**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2019.

HAN, Byung-Chul. **O que é poder?** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2019.

HAN, Byung-Chul. **Topologia da violência**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2019.

MARIN, Davi Junqueira. **A Galáxia de Zuckerberg – e a formação do narrador eletrônico**. Araraquara: Junqueira&Marin Editores, 2019.

MARIN, Davi Junqueira. **A esfera simbólica do quinto poder**. Anais: XIV Simpósio Nacional da ABCiber, 2021.



KERCKHOVE, Derrick de. **A pele da cultura**. Lisboa: Relógio d'água, 1997.

MILOVIC, Miroslav. **A utopia da diferença**. Revista ALCEU - v.7 - n.13 - p. 274 a 283 - jul./dez. 2006.

SANTAELLA, Lucia. **A pós-verdade é verdadeira ou falsa?** São Paulo: Estação das Letras e das Cores, 2020.

SLEE, Tom. **Uberização – a nova onda do trabalho precarizado**. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

TRIVINHO, Eugênio. **Glocal: visibilidade midiática, imaginário bunker e existência em tempo real**. São Paulo: Annablume, 2012.